



Um podcast original da Rádio Novelo

Episódio 99

A alma das ruas

Branca Vianna: Bem-vindo ao Rádio Novelo Apresenta.

Eu sou a Branca Vianna. “Eu amo a rua”. Essa é a primeira frase do livro “A alma encantadora das ruas”, do João do Rio. E a gente andou lendo bastante esse livro ultimamente. Porque o João do Rio foi o homenageado da Flip, né, a Feira Literária Internacional de Paraty. E foi na Flip que a gente fez um evento de estreia do Rádio Novelo Apresenta, em novembro de 2022. E no ano seguinte, a gente fez outro evento ao vivo durante a festa – quem esteve lá conseguiu ouvir em primeira mão a história da palavra “maracutaia” direto da boca da Évelin Argenta. E a gente gosta de complicar nossa própria vida.

Então agora, em 2024, a gente foi inventar um negócio mais complexo ainda. A gente topou fazer um episódio inteiro ao vivo. Um episódio inteiro *inédito* ao vivo. E um episódio todo inspirado no João do Rio. Não sobre o João do Rio, mas pegando um pouco do olhar dele. Um olhar para aquelas coisas que a gente normalmente não enxerga, não comenta, não acha digno de nota. O João do Rio andava pela cidade dele olhando pros ratoeiros, pros trapeiros, pros cocheiros... ele ia na missa do galo, ia anotar as poesias das prisões, as orações populares... Para o episódio dessa semana, a gente tentou olhar para a rua desse jeito. Estranhando o familiar e

familiarizando o estranho. E olhando bem na cara da sarjeta, pra ver o que ela tem pra nos dizer.

Esse episódio estreou no palco da Flip no dia 11 de outubro de 2024, mas a gente preparou uma versão bonitinha, gravada em estúdio, pra você. Aliás: mesmo que você tenha assistido a gente ali ao vivo, no auditório da Flip ou no telão da praça da Matriz, vale a pena ouvir esse episódio – porque tem história que saiu lá e que não tem aqui, e tem história aqui que não saiu lá.

Quem começa é o Vitor Hugo Brandalise, com uma história que deve ter passado pela cabeça de qualquer pessoa que tenha pisado em Paraty.

ATO 1: As pedras de Paraty

Vitor Hugo Brandalise: Toda vez que eu vou para a cidade de Paraty, eu me espanto, de novo, com como é difícil andar pelas ruas. Na Flip, por exemplo, é assim: está todo mundo lá, mas ninguém se vê. Porque está todo mundo olhando para baixo, o tempo todo, para não tropeçar. Mas sério. Outro dia eu estava falando com um cara de Paraty, o Jefferson Núbile.

Jefferson Núbile: Eu já vi turistas caindo, porque escorrega...

Vitor Hugo Brandalise: Quem nunca, né? E se é difícil pra mim, que não tem nenhum problema de mobilidade, imagina para um cadeirante. Ou mesmo para alguém com um carrinho de bebê, para uma pessoa mais idosa. E se já é dureza pra quem só vai para Paraty na Flip, ou para passear, imagina para quem mora lá?

Jefferson Núbile: Minha mãe um dia desses caiu e ela teve uma fratura no nariz, cara.

Vitor Hugo Brandalise: Mas fazer o quê, né, se a cidade é tombada. Se o charme de ir para Paraty é justamente essa sensação de "fazer uma viagem no tempo". Sentir que cada uma dessas casas, dessas igrejas, dessas pedrinhas, está assim, *intocada*. Esse calçamento, como a gente conhece hoje, começou a ser feito no século 19. Ou seja, dois séculos depois da fundação de Paraty. A cidade foi fundada em 1667. Paraty se desenvolveu, virou um ponto de comércio importante nos ciclos

do ouro e do café, e depois, decaiu. Estagnou. Deu uma parada no tempo. Por muitos anos não tinha estrada boa para lá: era chão de terra e picada de mula. Uma luta para chegar até a cidade. Até que abriram a Rio-Santos, nos anos 70, e Paraty foi redescoberta. Um *tesouro perdido*: essa cidade parada no tempo, conservada no estilo *colonial*. E esse calçamento *pé-de-moleque* faz parte disso. *Nem combina* um asfalto lisinho ali, né? Bom, mas vamos voltar pro Jefferson Núbile, com quem eu estava falando outro dia. O Jefferson é nascido e criado em Paraty, e aí, quando ele tinha uns oito anos...

Jefferson Núbile: Entre 78 e 81 foram feitas algumas obras no centro histórico, que foi uma obra de redes de esgoto, né? E durante mais de um ano, cara, as ruas ficaram todas esburacadas.

Vitor Hugo Brandalise: Essa obra de saneamento marcou o Jefferson porque era bem pertinho da casa dele. E também porque não era uma obra pequena.

Jefferson Núbile: Parecia obra de metrô, sabe? De cara martelar aquelas estacas com britadeira, né? E bomba o dia inteiro, sugando água, drenando água das valas e tal, e máquina, trator arrancando pedra, então era muita areia. Sabe, você só podia andar pelos cantinhos da parede. Eles escavaram o centro da rua. Eram aquelas estacas de aço que eram cravadas no chão. Depois vinha uma retroescavadeira, cavava no meio, abria uma vala imensa. Eu lembro que o pessoal de Paraty mesmo ficou muito chateado porque, quando recalçaram, não ficou a mesma coisa.

Vitor Hugo Brandalise: O Jefferson viu as pedras do centro histórico serem removidas mais de uma vez. E não é que depois elas eram colocadas igualzinho ao que estava antes, tudo no mesmo lugar.

Jefferson Núbile: Essas pedras, cara, eram muito grandes, muito pesadas. Os caras pegavam a britadeira e começavam a picar. Eu vi os caras picando pedra, sabe?

Vitor Hugo Brandalise: As pedras picadas, o pé-de-moleque quebrado para valer. E tinha mais.

Jefferson Núbile: Foi muito polêmico na época, essa coisa de furto de pedras. Todo mundo meio que sabia que quem estava furtando eram pessoas de fora, veranistas que estavam reformando casas, né? Geralmente, assim, paulistas ou estrangeiros, começaram a furtar essas pedras bonitas. Na época, a prefeitura teve que completar com pedra de cachoeira. Por isso que hoje o calçamento é muito ruim. São pedras redondas, lisas, que escorregam. Entendeu?

Vitor Hugo Brandalise: Nossa, pedra de cachoeira é pedra não trabalhada, pedra da natureza, pedra arredondada.

Jefferson Núbile: Sim, pedras redondas, isso aí.

Vitor Hugo Brandalise: O Jefferson estava me contando, e depois outras quatro pessoas confirmaram pra mim, incluindo o pessoal do Iphan: antes dessa obra dos anos 70/80, o que tinha aqui no chão das ruas mais antigas de Paraty eram pedras trabalhadas por artesãos da calcetaria tradicional ao longo de dois séculos. Se a gente parar bem pra pensar, faz total sentido. Não sei de onde a gente tira que passado é bagunça! No século 17, no século 18, no século 19, já era consenso de que quanto mais lisinho for o chão, melhor. Melhor pra passar carroça. Melhor pras pessoas andarem.

Marly Cardoso: Esses dias por curiosidade eu estava vendo uma foto antiga, e as pedras eram bem colocadinhas, pedras arrumadinhas...

Vitor Hugo Brandalise: Essa é a Marly Cardoso. Ela nasceu no Rio, mas foi morar em Paraty logo que ela casou. Ela está lá há 50 anos. E aí, no final de 2020, a Marly teve um infarto.

Marly Cardoso: Aí quando eu voltei, eu tive a notícia que eu tinha perdido a mobilidade das pernas, e do seio para baixo eu fiquei parálitica. Eu nem me choquei tanto porque eu achei que estar viva foi uma grande coisa.

Vitor Hugo Brandalise: A Marly, na verdade, achou até meio curioso se ver, de repente, como uma pessoa com deficiência. Porque ela foi presidente por mais de

quinze anos da APAE local. A APAE, sabe? A Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais. Mas agora a Marly está vivendo isso na pele.

Marly Cardoso: Eu, até uns quatro anos atrás, eu não era cadeirante. E aí eu fui vendo, eu falei: "Caraca, essa cidade não tem cadeirante?"

Vitor Hugo Brandalise: Não tem cadeirante em Paraty? Claro que tem!

Marly Cardoso: Tem uma grandiosidade de pessoas que são deficientes, mas que nunca apareceu, porque Paraty nunca deixou que eles saíssem de casa. Eles não têm como ir a esses lugares públicos. Ninguém chega lá. Vai chegar como lá? Você empurrando uma cadeira manual? Você nunca vai entrar no bairro histórico, que não tem como. O bairro histórico, ele é impossível. Ele não existe. Não existe.

Vitor Hugo Brandalise: Só que a Marly – que nem o Jefferson – ela chegou a ver *outro* centro histórico.

Marly Cardoso: A cidade, ela não é mais aquela cidade que era toda arrumadinha do tempo que eu cheguei aqui. Antigamente você até conseguia andar, mas eles fizeram o esgoto em que sobraram, que até hoje não sei para onde foi, centenas de caminhões de pedras.

Vitor Hugo Brandalise: Quer dizer: tinha o pé-de-moleque original, autêntico... e que foi *saqueado*. No lugar, ficou um outro calçamento. Esse calçamento de hoje. Um pé-de-moleque pirata. Um patrimônio histórico fake. A gente está tropeçando à toa, então?

André Cavaco: Boa pergunta, é...

Vitor Hugo Brandalise: Eu fui falar com o André Cavaco, chefe do escritório técnico do Iphan de Paraty, para entender o que é possível ser feito, considerando que *o centro histórico inteiro é tombado*.

André Cavaco: Esse calçamento, ele durou por muitos séculos porque ele sofreu manutenções por muitos e muitos anos, né? E agora se alega que não

pode encostar no calçamento porque é tombado pelo Iphan. A verdade não é essa, a verdade é que a manutenção deve ser feita, né?

Vitor Hugo Brandalise: As pedras já foram mexidas no passado, a gente sabe – e mais de uma vez: porque depois da obra de esgoto, ainda teve a instalação da fiação subterrânea, em 2002. As pedras foram removidas de novo. E aí, na hora de recolocar...

André Cavaco: A gente percebe que muitas pedras são novas ou são de outra tipologia, né?

Vitor Hugo Brandalise: O André conhece bem essa questão porque quem está ajudando a mexer nas pedras é o próprio Iphan. Só que do jeito certo. E por um bom motivo.

André Cavaco: Vamos desenvolver uma rota acessível dentro do centro histórico. Então, basicamente, existe uma perspectiva de uma rota que saia desde a entrada no centro histórico, que é a Ponte do Pontal. De uma das entradas do centro histórico, passe pela Praça da Matriz, que é um local que já tem acessibilidade, e futuramente pode chegar até outros pontos da cidade de Paraty, como as igrejas, a igreja de Santa Rita e etc.

Vitor Hugo Brandalise: No estudo para fazer esse caminho acessível, o Iphan e a prefeitura de Paraty descobriram o *tamanho* do problema. *Mais da metade* das pedras foram surrupadas nessas reformas. Acabou ficando um piso... *meio* histórico. Ou pior.

Vitor Hugo Brandalise: Esse pé-de-moleque que não é histórico, o pé-de-moleque colocado nos anos 50, nos anos 70 depois da obra, os seixos rolados colocados no rio... isso entra no conceito de um falso histórico?

André Cavaco: Olha, Vitor, eu entendo que em certos momentos foi feito sim, no centro histórico de Paraty, e em outros centros históricos do Brasil e do mundo, intervenções que podem ser consideradas como um falso histórico.

Vitor Hugo Brandalise: Não sou *eu* que tô falando em *falso histórico* no chão dessa cidade patrimônio mundial da Unesco – é o Iphan. Um primeiro *passinho* pra reverter isso começou a ser dado.

André Cavaco: E aí entra o Vicente Mineiro, né?

Vitor Hugo Brandalise: Oi, Mineiro! Tudo bem?

Vicente Mineiro: Tudo bem, graças a Deus, e você?

Vitor Hugo Brandalise: O Vicente Cardoso, o Mineiro, é um mestre calceteiro – um especialista em construir calçadas de acordo com a técnica tradicional. Ele aprendeu esse ofício em Diamantina. E, quando chamaram ele para fazer parte do grupo que discute o caminho acessível em Paraty, já lançaram o problema: com qual pedra que vai ser feito?

Vicente Mineiro: Eu fui vendo assim as qualidades das pedras, na preparação delas e fui olhando nos calçamentos da própria cidade.

Vitor Hugo Brandalise: O Mineiro e o arquiteto da prefeitura que fez o projeto da rota, o Leonardo Xavier, eles foram afunilando os tipos de pedra. Pedra miracema, pedra São Tomé, pedra madeira... Mas uma era escura demais, outra era avermelhada demais, a outra era muito frágil. Eles até tentaram as pedras atuais, essa salada de granito com pedra de cachoeira, o pé-de-moleque maroto que a gente conhece: mas ele foi reprovado. Não tem como usar.

Vicente Mineiro: Aí até que a gente conseguiu acertar com a pedra moledo, entendeu? E aí a gente chegou, no padrão que tem durabilidade.

Vitor Hugo Brandalise: Isso nunca tinha sido feito em Paraty – pelo menos não no último século – esse cuidado com o chão, e com as pessoas que pisam esse chão. É um nó histórico esse que o Mineiro tá ajudando a desatar.

Vicente Mineiro: Houve um desinteresse muito grande no princípio, você entendeu? Porque o pessoal não entende. Tem muitas pessoas lá que não sabem direito o que é o Iphan, as normas do Iphan. Aí, nós ia mexer: "Ah,

não mexe com aquilo não, que é muita frescura", e aí vai largando, vai largando para lá, você entendeu?

Vitor Hugo Brandalise: Nesse caso, a "frescura" é que além de usar uma pedra que tenha a ver com o conjunto – essa pedra moledo - que seja boa para se deslocar em cima, eles querem fazer seguindo a técnica tradicional: com pedras bem espessas, assentadas sobre um colchão de areia e sem concreto por baixo. Eles tão fazendo isso nesse trechinho já inaugurado, esse da Ponte do Pontal até a Matriz. No resto eles só vão poder testar no futuro. E não é por nenhuma frescura de patrimônio. Para esse trecho maior da rota começar, precisa primeiro sair o *saneamento*. Ainda hoje, 2024, o centro histórico de Paraty *não é ligado* à rede de esgoto – cada casa tem uma fossa. Aquela obra dos anos 70/80 abriu as ruas e instalou os tubos, mas não ligou a nenhuma rede porque não tinha estação de tratamento. E, 45 anos depois, ainda não tem.

Já que vai mexer, é melhor mexer direito. Pensando que tem que durar. E, com um detalhe: o trabalho que o Mineiro foi chamado pra fazer, é, sim, de preservação histórica... mas também é de *acessibilidade*. "Ah, mas vai descaracterizar..." A Flip inteira descaracteriza Paraty. As pessoas andando na cidade, com roupa de hoje em dia, falando no celular... tudo isso descaracteriza. É uma cidade, não é uma cidade cenográfica, numa gravação de filme de época. Essa ideia de adaptar cidades históricas para acessibilidade não é novidade. E Paraty não vai ser nenhuma exceção. No mundo inteiro é assim. O Coliseu, em Roma, hoje já tem um caminho adaptado para cadeirantes. Em Jerusalém tem aquela infinidade de escadinhas – e do lado delas, tem rampas modernas, revestidas com a mesma pedra branca do resto da cidade.

Por muito tempo, Paraty ficou abandonada, congelada no tempo, depois que ela perdeu a importância econômica. Foi esse isolamento que deu pra cidade a cara que ela tem hoje – e muito do que todo mundo gosta nela. Mas algumas dessas características não precisam ficar. Falta de esgoto é uma coisa *anacrônica*. Falta de acessibilidade *também*. Passado não é bagunça. Mas também não pode servir como o único mapa para o nosso presente.

Branca Vianna: Esse foi o Vitor Hugo Brandalise.

No segundo ato do episódio, a gente vai passar para um elemento das ruas que é ainda mais invisível que o calçamento. Quem se debruçou sobre esse aspecto da vida da rua foi a Évelin Argenta.

ATO 2: Bueiros do Rio

Évelin Argenta: Imagina a seguinte cena. Você está passando por uma rua movimentada do Rio de Janeiro. Faz sol, tem gente de pé, de bicicleta, de patinete, de carro, puxando carroça, cruzando as ruas pra lá e pra cá. E ali, no canteiro central, onde a gente às vezes acaba encurralado até o trânsito dar uma trégua, tem um sujeito ajoelhado no chão, em frente a um bueiro. Ele não está com uniforme da Light – a empresa de energia –, nem da CEG – a empresa de gás –, nem de nenhuma operadora de internet. Se eu tivesse que chutar, diria que é um gringo. Acho que porque ele tá usando um Crocs. Preconceito? Talvez. Mais de perto, dá pra ver que o interesse dele não é o bueiro em si – mas a tampa do bueiro. Dessas de ferro, redondas, bem pesadas. Em volta dele tem fita adesiva, fita métrica, e uns tubos, desses de guardar cartaz enrolado, sabe?. Ele mede o diâmetro da tampa do bueiro, limpa com uma escovinha e estende um papel grande, que cobre a tampa todinha. Aí ele pega um bastão de grafite e esfrega por cima do papel, fazendo um decalque bem caprichado. Quando ele termina, ele levanta o papel e dá pra ler a sigla D-A-E.

Thiago Sússekind: Thiago Sússekind: O D-A-E, que é o Departamento de Água e Esgoto, que dura de mais ou menos de 1947 a 1957.

Évelin Argenta: Esse não é o cara de Crocs. É o Thiago.

Thiago Sússekind: Meu nome é Thiago Sússekind...

Évelin Argenta: Que estava usando um tênis – que, vamos combinar, é um calçado bem mais apropriado para as quase duas horas que a gente ficou andando pelo centro do Rio.

Évelin Argenta: E quando a gente estava saindo do metrô, claro, eu estava olhando pra cima, pra frente, e aí tu falou: "Aqui já tem um"!

Thiago Sússekind: Pois é, a gente está aqui pra ver bueiro, né?

Évelin Argenta: O Thiago e o gringo de Crocs podem não ter o mesmo gosto pra calçados, mas os dois têm o mesmo apreço peculiar por *calçadas*. Quer dizer, por aquilo que cobre os buracos espalhados pelas calçadas.

Thiago Sússekind: Vou te levar para a Praça XV, fazer o caminho que eu fazia aqui para o trabalho. Eu trabalhei uns anos no centro do Rio de Janeiro, num escritório de advocacia, então boa parte da minha produção cinematográfica de bueiros foi aqui no centro do Rio de Janeiro. Tenho uma noção de onde estão alguns legais e tal.

Évelin Argenta: Em vez de fazer um decalque das tampas de bueiros, o Thiago fotografa ou faz vídeo.

Thiago Sússekind: Porque se eu te mostrar aqui a minha pasta "bueiros" no álbum de fotos, é uma pasta bastante bastante grande.

Évelin Argenta: São pelo menos 107 fotos de tampas de bueiros da cidade do Rio de Janeiro. Tudo muito bem organizado numa pasta separada por data. Se você alguma vez na vida já ficou muito focado numa pesquisa, você sabe como essas coisas evoluem. Começa de um jeito bem inocente, com uma simples curiosidade.

Thiago Sússekind: Minha paixão por bueiros começou com o bueiro que tinha em frente à minha casa, que era o bueiro da Prefeitura do "Districto" Federal, "districto", com esse C mudo antes do T...

Évelin Argenta: Aquele "districto" deixou o Thiago pensando de quando era aquele bueiro. Obviamente era muito antigo, porque o Rio de Janeiro não é mais o distrito federal desde 1960.

Thiago Sússekind: Mas eu imaginava que devia ser ainda mais antigo pelo fato de ter aquele C mudo. Até que chegou o dia que eu finalmente decidi: "Vou matar essa minha curiosidade e ver de quando é". E o acordo ortográfico é de 31¹, o que suprimiu os C mudos. Então precisa ser com a República, mas só pode ser até os anos 30. Então, realmente o bueiro era muito antigo lá em casa, no Jardim Botânico.

Évelin Argenta: O Thiago, que sempre gostou muito de história, ficou animado de ter percebido aquela raridade dos anos 1930 ali, na frente da porta da casa dele.

Thiago Sússekind: E aí eu comecei a me interessar em outros, de saber também o passado deles, de quando eles são. Se eu consigo localizar temporalmente esse, talvez eu consiga localizar temporalmente outros também.

Évelin Argenta: Aquele bueiro foi a porta de entrada.

Thiago Sússekind: Foram alguns meses meio obsessivos, com os meus amigos fazendo piada que eu estava tirando foto no chão, não sei o que, e eu: "Pô, mas isso aqui é PDF, é a Prefeitura do Distrito Federal, então isso aqui tem que ser anterior a 60, é muito interessante". E o pessoal fazendo piada... mas enfim, foi uma pesquisa pessoal mesmo por muito tempo, até que decidi fazer um vídeo, uma rede social que eu nem uso, e estourou. De repente estava indo pro jogo do Fluminense, me paravam no meio, assim: "Você é o garoto dos bueiros".

Évelin Argenta: Garoto dos bueiros é foda [risos]

Thiago Sússekind: É, "o moleque dos bueiros".

Évelin Argenta: Talvez o "moleque dos bueiros" tenha aparecido no seu feed...

Thiago Sússekind [TikTok]: Esse é o meu vídeo mais nerdola de todos.

¹ https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/atos/decretos/1931/d20108.html

Évelin Argenta: No Carnaval de 2023, na quarta-feira de cinzas pra ser mais precisa, o Thiago resolveu publicar esse compilado de bueiros na conta dele no TikTok.

Thiago Süssekind: E eu não tinha nem seguidor direito no meu TikTok. Embora seja uma pessoa ativa nas redes sociais, eu não sou usuário de TikTok. Eu só postei lá e pronto, deixei. Deu dois dias, não tinha ninguém aparecendo. E... normal, natural. Tudo bem né? Bueiros... Quem vai ligar pra bueiro?

Évelin Argenta: Ah, pois é...

Thiago Süssekind: De repente eu olho o negócio, assim, eu recebo a notificação, e explodiu completamente no TikTok, tá um negócio de louco. E aí deu assim um dia, estava uma pessoa postou no Twitter, que não eu, outra pessoa postou o vídeo no Twitter falando assim "nossa, me apaixonei por esse vídeo de bueiros". E lá teve assim, o post alcançou 3 milhões de pessoas, um negócio louco, assim. E aí começou a pipocar, de repente...

Évelin Argenta: E é por causa desse vídeo de 2023 que eu estava na rua com o Thiago mais de um ano depois. Eu marquei esse passeio com ele porque dias antes eu também tinha caído, digamos assim, num bueiro. Em alguns, na verdade.

Nas quintas-feiras eu trabalho até mais tarde. E uma parte do meu trabalho consiste em ficar esperando o upload de arquivos numa pasta. E isso leva uns vinte minutos, mais ou menos. E aí eu aproveito esse tempo do silêncio da madrugada para ver alguns vídeos no YouTube. E eu sempre busco coisas que eu *nunca* veria normalmente. Numa dessas quintas eu parei numa coleção de vídeos de um cara chamado Alex Fisher, um holandês, designer gráfico e ilustrador. E, além de gostar de usar Crocs, ele faz parte de um grupo de pessoas adeptas ao que eles chamam de "Drainspotting Art". Eles saem por aí com seus bastões de grafite e pedaços de papel fazendo decalques de *tampas de bueiros* pelas cidades do mundo. Desde o ano 2000, o Alex já passou por mais de 120 cidades e desenhou quase 500 bueiros. Tem cidades como Nova York e Xangai. Mas também tem Ituiutaba e Almenara, em Minas Gerais. Do YouTube, eu fui parar no site dele, onde tá tudo documentado,

com o dia e horário exatos de cada decalque. E está lá, na linha de número 256²:
11.03.2011, 11h38 da manhã, Rio de Janeiro, Brazil.

Esse é o registro daquela cena que eu descrevi para você, dele ajoelhado num canteiro no Rio. Mais precisamente, na Avenida Osvaldo Cruz, em Botafogo. Eu achei incrível. Nunca que eu tinha reparado no desenho dos bueiros... mas, depois de ver esse vídeo, eu nunca mais consegui andar na calçada do mesmo jeito. Fiquei com a sensação de que a gente está ignorando – ou, literalmente, pisoteando – uma galeria de arte embaixo do nosso nariz. Do nosso corpo inteiro, na verdade.

Thiago Sússekind: E aliás, esse aqui é legal. A companhia telefônica brasileira com o "ph".

Évelin Argenta: Nossa, que bonito!

Thiago Sússekind: Pois é, eu também acho bonito. Esse eu acho muito bonito o Telephonica com "ph". Eu acho um negócio assim: "Pô, isso é bonito". E foi nos anos 30 que teve uma reforma ortográfica, teve um decreto do Vargas instituindo essa reforma ortográfica. Mas, ela não foi posta em prática. Então veio um outro decreto subsequente, 38, que tornou ele obrigatório. Então, muito provavelmente, eu acho que é seguro dizer, que precisa ser anterior a 1938. 38, 39, enfim, por aí.

Évelin Argenta: Eu nunca tinha parado pra pensar nisso. No poder que um bueiro tem de transportar a gente no tempo. Eu costumava pensar nisso quando eu visitava, sei lá, prédios antigos, igrejas. Mas é engraçado pensar que um buraco no chão, protegido por uma tampa de ferro fundido, tem esse mesmo poder.

Thiago Sússekind: Então, isso mostra a evolução do Rio e do Brasil, são momentos importantes da história brasileira. E você também tem a marca das transformações tecnológicas que a humanidade já passou. Então você começa com os telégrafos..

Évelin Argenta: Que são os tampões marcados com RGT, Repartição Geral de Telégrafos, que durou de 1881 até 1931.

² <http://www.drainspotting.art/data.html>

Thiago Süssekind: E depois vira a empresa de Correios e Telégrafos, que era a ECT, que é até hoje o nome oficial do Correios do Brasil. Então, enfim, isso aqui é ou entre os anos 30 e os anos 60. Depois você encontra coisas de telefone, depois de internet, e isso está tudo registrado no chão, não foi apagado. Por exemplo, o RIC, a primeira companhia de esgoto. É um bueiro que eu sei que ele é de esgoto. E aí eu cheguei à conclusão – e ninguém me contestou nisso – então acho que é a teoria em voga, que é do Rio de Janeiro City Company que foi a primeira concessão de esgoto que teve aqui no Rio de Janeiro, data desde do século XIX, do Dom Pedro II...

Évelin Argenta: O decreto que autorizou a criação da "The Rio de Janeiro City Improvements Company Limited", ou simplesmente City, foi assinado em abril de 1857. Até essa época, não tinha sistema de esgotamento sanitário. Os dejetos das famílias eram guardados em casa, em barricas de madeira. Depois eram levados por pessoas escravizadas até locais de despejo. Foi só a partir da City que se planejou um sistema de dutos subterrâneos. É fácil achar registros da época dos pedidos da companhia para começar a abrir os bueiros. Tipo um boletim da Câmara Municipal da Corte³ de 1863 autorizando a City a depositar materiais para começar uma obra no Largo do Paço — na hoje Praça XV.

Thiago Süssekind: Então isso bota a gente ou no final do século XIX, ou no início do século XX, e tem muito tampão de RIC.

Évelin Argenta: Claro que muitos deles devem ter sido substituídos ao longo do tempo. Mas é bem possível que ao ver um bueiro escrito R-I-C na rua, você esteja se deparando com uma peça que está lá desde o começo do século XX. Em 1947 a R-I-C virou o D-A-E, o Departamento de Água e Esgotos, que durou até 1957. Ou seja, aquele tampão que o Alex Fisher decalcou e levou com ele pra Holanda, provavelmente viu, sei lá, a Bossa Nova nascer. Eu não sei se o Alex Fisher sabia disso, desse valor *histórico*, quando ele escolheu aquele tampão específico. Provavelmente o que chamou a atenção dele foi o *desenho* do ferro fundido. A sigla no centro é rodeada por camadas de um zigue-zague concêntrico que lembra as pontas de uma estrela. É, no mínimo, bonito.

Eu não sei te dizer exatamente *quando* os bueiros e tampões surgiram no mundo do jeito que a gente conhece. Mas é quase certo que a primeira *pessoa* a fazer o que o Alex e o Thiago fazem hoje em dia – esse lance de registrar os bueiros diferentes por aí — tenha sido um inglês chamado Shepherd Thomas Taylor. Nos anos 1860, o Taylor estudava medicina, em Londres. E, para espairecer as ideias depois das aulas, ele saía andando pelas ruas de cabeça baixa, com os braços nas costas. Sabe, como a gente faz quando quer pensar? E ele começou a reparar nas diferentes tampas dos depósitos de carvão que ficavam nos jardins das pessoas. Eram buracos onde se estocava carvão usado para aquecer as casas. E o Taylor viu arte naquilo. Ele criou o primeiro registro de tampões de que se tem notícia. São dos mais variados tipos: redondos, quadrados, com desenhos de folhas, flores, desenhos geométricos, nomes dos proprietários, nomes das fundições... Está tudo reunido num livrinho organizado em homenagem ao Shepherd e publicado em 1929 chamado *Opercula*. Só existe online, e você pode ver lá no site da Rádio Novelo. Te garanto que vale a pena.

E diferente do Thiago Süssekind, que fotografa, e do Alex Fisher, que faz decalque, o Shepherd Taylor desenhava, mesmo, os bueiros. Ele escreve no livro que ele não tinha nenhum tipo de habilidade artística especial, e que o objetivo era preservar essa arte urbana. Ele escreveu coisas bem bonitas sobre essas tampas de ferro que passavam despercebidas por quase todo mundo – por exemplo: ele diz que os desenhos dos bueiros parecem "flores abstratas num campo árido". Que eles trazem "leveza pro ambiente, às vezes deprimente, das grandes cidades".

Olhar pro chão não é uma coisa que a gente esteja acostumado a fazer. Sempre que a gente sai pra "turistar" em uma cidade, a gente olha para cima, para os lados, para as placas — isso se você olha as placas, né. A gente quase nunca olha para o chão. Para bueiro, então. Eles são parte do que se chama *mobiliário urbano*. A função deles é, justamente... bom, a *funcionalidade* em si. Tipo um poste, um hidrante, um semáforo. Eles não precisam, necessariamente, ser bonitos. Mas tem lugares que subvertem a lógica. E aí eu não estou falando de paixões individuais como a do Thiago, do Alex ou do Shepherd Taylor. Lembra que eu falei que eu entrei num bueiro quando vi o vídeo do Alex e resolvi procurar o Thiago? Então... eu fui tão fundo que cheguei ao Japão.

Lá, desde a década de 1960, o sistema de esgotos é uma questão importante. Naquela época, o governo resolveu modernizar a tubulação. O que é um negócio que dá muito trabalho, gasta muita grana, e que, necessariamente, ninguém vê. Daí eles ficaram pensando em jeitos de fazer as pessoas pensarem no que tava debaixo dos pés delas. De valorizarem aquele investimento no subsolo da cidade. Aí, em 1976, a prefeitura de Naha⁴, em Okinawa, resolveu decorar os bueiros com desenhos de peixes nadando, já que a cidade fica à beira-mar. E isso, nos anos 80, desencadeou toda uma tradição nacional. Hoje em dia, cada cidade tem os seus desenhos próprios, e rola até uma peregrinação para fotografar os bueiros por aí numa vibe tipo caçar Pokemón. E não só isso. Existe uma "Cúpula Anual de Bueiros". Sim. Sério. A última⁵ foi em outubro de 2023, em Okazaki. No Rio, infelizmente, pouco se sabe sobre as tampas de bueiro.

Thiago Sússekind: Eu dei uma entrevista para O Globo quando o negócio estourou. E aí o cara do Globo, eu acho que é Carnélio, o nome dele, é jornalista muito, muito simpático...

Évelin Argenta: Carmélio Dias⁶ e João Vitor Costa foram os repórteres.

Thiago Sússekind: Ele decidiu que ele ia perguntar à prefeitura quantos bueiros estavam em atividade no Rio de Janeiro. A única resposta que ele recebeu da prefeitura foi que eles estavam tentando trocar os bueiros do Rio por concreto, porque tem muito roubo, muito, muito roubo para para você vender o metal em ferro velho, então é uma coisa que...

Évelin Argenta: E eu fiz a mesma coisa. Na verdade, eu perguntei *quantos* tampões anteriores a 1970 existem por aí na cidade do Rio. E a prefeitura não tem esse número, nem sabe me dizer quantos desses bem antigos ainda são usados para serviço.

Thiago Sússekind: Eles presenciaram muita coisa. Passaram, passou muita gente ali, passou muito pé por ali. Com muitas vestimentas de época e com

⁴ <https://www.japanhousesp.com.br/artigo/tampa-de-bueiro/>

⁵ <https://www.gk-p.jp/2023/11/20/7784/>

⁶

<https://oglobo.globo.com/rio/noticia/2023/03/a-historia-do-rio-contada-nos-bueiros-espalhados-pelas-ruas-da-cidade.ghtml>

uma realidade do Rio de Janeiro e do Brasil que eles não conseguem nem imaginar muito bem.

Évelin Argenta: Eles presenciaram a história desde sempre.

Thiago Süssekind: Desde sempre.

Évelin Argenta: No *Opercula*, os organizadores do livro deixam um recado pro Shepherd Taylor no final. Eles dizem que são muito gratos a ele pelo registro dos tampões. Isso porque, conforme as casas dos anos 1860 foram sendo substituídas por prédios e construções maiores, as adegas de carvão também deixaram de existir. E, com elas, desapareceu a arte daquelas tampas que tinham sido fundidas com tanto capricho. No Rio, os tampões estão durando mais tempo. A cidade cresceu, se transformou, ficou quase irreconhecível – mas os tampões continuam aí, como uma lembrança de *outra* cidade. Uma cidade onde a limpeza urbana era feita de outro jeito, as comunicações tinham outra configuração, a eletricidade era distribuída de outra forma...

Évelin Argenta: Acho que a gente sabe mais da história dos bueiros graças a ti, com certeza. Nunca mais passarei por um bueiro escrito RIC e vou pensar, "Ah, é só mais um bueiro".

Thiago Süssekind: Muito obrigado, muito obrigado. Agora você vai pensar, "Nossa, isso aqui é esse aqui é antigo, tem que valorizar essa belíssima tampa."

Branca Vianna: Essa história foi produzida pela Évelin Argenta.

Acho que deu pra perceber que a gente levou esse negócio de "histórias sobre a rua" de um jeito meio literal, né? O João do Rio se interessava muito pelas pessoas – mas a gente acabou se interessando por aspectos bem concretos das ruas. As pedras. Os bueiros. O chão mesmo. Mas em última análise, como a gente acabou de ver, a história das pessoas está escrita nesses lugares, nesses objetos também. A terceira história de hoje é sobre um companheiro de longa data da humanidade, que virou um companheiro recente da rua – e um anti-herói urbano.

Quem conta é a Paula Scarpin.

ATO 3: Adota minha rola

Paula Scarpin: Eu entrei para estagiar na Revista Piauí no ano em que ia ter os Jogos Panamericanos no Rio, em 2007. E aí me passaram uma missão de encontrar historinhas curtinhas pro site da revista, de coisas relacionadas ao Pan. Aí antes de desembestar pra Vila do Pan na Barra, eu dei uma passada nos jornais, pra ver se algum detalhe de alguma reportagem que tinha saído que podia render alguma outra pauta pra mim, e eu lembro de chegar num cara *coleccionador de medalhas de panamericanos*. Bem específico, né? E especificidade para esse tipo de pauta é bom. Eu achei o contato do cara na lista telefônica, liguei. Ele atendeu, simpático, e falou assim: "Olha, eu posso até te falar sobre as medalhas, mas eu não consigo te dar detalhes, assim, delas, te mandar foto, porque eu não estou perto delas agora. Eu estou no interior, perto de outra coleção que eu tenho. Eu estou com a minha coleção de pombos". Bom, as medalhas do Pan perderam completamente o interesse pra mim naquele momento, né? Eu passei um bom tempo conversando com esse cara – que, na verdade, cria pombo para competição. Sim, eu acompanhei alguns torneios... e a reportagem ficou mais focada nisso, mesmo, nas competições. Mas eu dei um mergulho no mundo dos pombos naquela época, e eu nunca mais consegui olhar para pombo do mesmo jeito. Eu vou dar só alguns destaques aqui – tipo, Momento: "Você Sabia?".

Você sabia que o pombo correio, o pombo de rua e a pombinha da paz são o mesmo bicho? Tudo a mesma espécie: *Columba livia*. Você sabia que o pombo foi domesticado há pelo menos 5 mil anos? Você sabia que tem pombo em todos os continentes do mundo – menos na Antártida? Você sabia que um pombo pode voar a uma velocidade de até 180 km/h? E que eles estão sempre orientados para fazer o mesmo trajeto, que é: voltar pro lugar onde eles foram criados? E aí não só os campeonatos são feitos com base nessa orientação deles, mas também o serviço postal – pombo-... correio, né? Os pombos têm esse misto de rapidez e precisão que garantiram, por muito tempo, o lugar deles como tecnologia de ponta na comunicação. Tem registros dos egípcios usando pombos para anunciar a subida de um novo faraó ao trono; dos gregos usando pombo pra mandar resultado da olimpíada; de imperadores chineses, romanos, do Gengis Khan... Quando a Reuters (a agência de notícias Reuters) foi criada em Londres, em 1851, ela tinha um criadouro de pombos na redação. E, quando os jornalistas iam pra fora da

cidade, eles levavam juntos um ou mais pombos para ir mandando notícias da apuração. Mas, conforme as tecnologias da comunicação foram avançando, tipo, correios, telégrafos, junto com as tecnologias de transporte, né? Malha ferroviária, autoestradas, aviões... Até chegar na internet fibra ótica 5G, etc e tal...os pombos foram ficando completamente escanteados. Só sobraram uns poucos favorecidos de linhagens campeãs, tratados que nem atletas nos columbódromos da vida, ou nas casas de criadores. Com alimentação balanceada, água limpa, poleiro anatômico, enquanto a maioria ficou relegada a viver na rua à própria sorte, bicando chiclete pisado. Não que os pombos pareçam se importar, né? Porque eles estão por tudo quanto é canto. Onde tiver gente, onde tiver a cidade, eles estão. A postos pra comer qualquer porcaria.

E aos poucos eles foram entrando para a categoria dos "animais *sinantrópicos*", para usar a terminologia do centro de controle de zoonoses – que é a mesma categoria dos ratos, das baratas. Quando o João do Rio publicou *A Alma Encantadora das Ruas*, em 1908, ele não falou nada de pombos. Provavelmente porque ninguém estava considerando pombo um problema urbano ainda. Lembrando que toda a comunicação da Primeira Guerra Mundial, já na década seguinte, né, d'*A Alma Encantadora das Ruas*, dependeu *muito* dos pombos. Mas, a julgar pelo que o João do Rio escreveu sobre *ratos*, eu chutaria que – se fosse hoje em dia – ele ia dedicar pelo menos um capítulo aos pombos. E, a julgar pelos ratos, eu não sei se eu ia gostar de ler! Bom, fato é que, desde essa matéria que eu publiquei na [Revista] Piauí, em 2008... eu me apeguei aos pombos. Eu tenho pombo de madeira, de papel, de pedra sabão, de plástico, desses que você dá corda e ele sai andando. Eu tenho brinco de pombo, meia de pombo, camiseta de pombo e ecobag de pombo. Eu vivo recebendo conteúdo de pombo nas redes sociais, encaminhado dos amigos. E foi assim que eu cheguei num perfil de Instagram.

Brena Braz [Instagram]: Olha que *principura* essa menina, gente! Essa menina voa, essa menina enxerga... né, neném? Então, como é uma menina muito inocente, muito boazinha, eu quero arrumar um dono pra ela. Quem sabe, você aí, está querendo ter um pombo – uma pomba maravilhosa?

Paula Scarpin: Sim. É um perfil de *adoção* de *pombos*. E, desde que ele foi lançado, em 2021, de tempos em tempos alguém me manda: "Você já ouviu falar disso?". Agora, que apareceu essa oportunidade de ouro para falar desse anti-herói urbano... eu resolvi procurar a dona do perfil.

Brena Braz: eu sou Brena Braz, eu sou apaixonada por aves...

Paula Scarpin: De vez em quando esse perfil da Brena no Instagram viraliza.

Brena Braz: Eu sou publicitária de formação, com especialização em marketing... e eu acho que eu consegui usar isso a meu favor, né? Aí foi meio que na brincadeira, assim, eu sempre brincava assim com esses negócios – o povo ficava assim: "Aiii, você é muito grossa!" Eu falava assim: "Grossa é a minha rola!" Aí surgiu alguma coisa assim: "Ah, eu vou fazer o 'Adota minha rola'".

Paula Scarpin: "Adota minha rola".

Brena Braz: E vira e mexe isso sai em algum lugar, nessas páginas de meme, aí viraliza e enche de seguidor... Aí o pessoal percebe que não é exatamente uma página de zoeira, aí eles vão parando de seguir.

Paula Scarpin: Não é exatamente uma página de zoeira – é sério, é um perfil para adoção de pombos, mesmo. Mas a Brena aproveita esse know-how de como a viralização funciona pra dar uma bombada no projeto dela.

Brena Braz [Instagram]: Gente, eu queria dizer que a Black Rola foi um sucesso. Todos os pombos que estavam para adoção já foram adotados...

Paula Scarpin: "Black rola" é a Black Friday do "Adota minha rola".

Paula Scarpin: Hoje você está com quantos bichos em casa? Com quantas aves?

Brena Braz: Agora, nesse momento tem dez. Mas não são dez meus, não. Eles vêm e vão, né? Então, tem cinco aqui para adoção.

Paula Scarpin: Hoje em dia a Brena só tem pombo. Mas a porta de entrada dela pro mundo das aves foi outra.

Brena Braz: Quando eu era criança, eu tive periquito...

Paula Scarpin: Depois de adulta, veio outra ave ainda.

Brena Braz: Eu tinha uma calopsita – tive uma calopsita, o Pituco, por 15 anos.

Paula Scarpin: A paixão pelo Pituco foi tanta, que a Brena criou um canal no YouTube.

Brena Braz [Youtube]: Hoje nós vamos explicar para você como criar calopsita sem frescura.

Paula Scarpin: A Brena levou tão a sério o negócio do canal – ela foi estudando detalhes de comportamento, anatomia, cuidados, veterinária especializada... – que ela foi virando uma referência, mesmo, na área. E ela foi se interessando por outras aves. Não por aves exóticas, tipo gente que compra aves caríssimas... não. Ela se interessava pelas aves que ela via na rua. E ela prestava atenção quando via alguma ave machucada, precisando de algum cuidado.

Brena Braz: E resgatei um pardal, um bem-te-vi... começou assim, com aves menores, né?

Paula Scarpin: Só que tinha um detalhe.

Brena Braz: Pombo aparece toda hora, né? Outras aves aparecem menos, mas pombo é toda hora.

Paula Scarpin: A gente sabe do que ela tá falando, né? Eu particularmente nunca vi um pardal ou um bem-te-vi com a asa machucada ou com o pé enroscado numa

linha de pipa por aí. Agora, pombo... A Brena sentia que era hipocrisia da parte dela fazer distinção de que tipo de ave ela resgatava. Só que, né? "Rato com asa".

Brena Braz: O primeiro pombo que eu fui pegar, eu fiquei... sabe quando você fica com medo? "Ah, vou lavar a minha mão, vou pegar alguma coisa..."

Paula Scarpin: A ética do resgate falou mais alto. Tipo: "fazer o bem e não olhar a quem". Mas ela não tratava os pombos igual ela tratava os outros pássaros.

Brena Braz: Eu nunca tinha levado para dentro da minha casa. Sempre que eu pegava pombo, eu encaminhava para o veterinário e tudo mais.

Paula Scarpin: Até que ela percebeu uma coisa.

Brena Braz: A minha veterinária– nessa época ela tinha dois pombos resgatados na casa dela – ela tinha uma menina pequena – filha, assim, de, sei lá, dois anos de idade. A menina pegava, e tal... e aí eu comecei a ver, eu falei: "Uai, gente, eu acho que isso não é tão do jeito que as pessoas falam". E aí eu fui perguntando pra veterinária, falei: "E essa história que o pessoal fala de doença, como é que é? Que que eu posso pegar, né?" Que o povo ouve o galo cantar, não sabe nem onde, e sai repetindo, né? "Ah, porque pombo transmite doença, cuidado que você vai pegar", mas ninguém sabe que doença que é, como que pega... ninguém sabe nada, né?

Paula Scarpin: A primeira coisa que vem à cabeça (sem trocadilho)... é piolho, né?

Brena Braz: Então eu costumo falar com as pessoas: "Eu peguei muito piolho na minha vida, mas todos foram de criança, na escola, de outra criança". Eu nunca peguei piolho de pombo, mesmo resgatando pombos da rua nas piores situações que você imaginar.

Paula Scarpin: 'Ok', mas piolho vamos combinar que é fácil. Você usa *Escabin*, passa um pente fino, vida que segue. Mas você já ouviu falar na "doença do pombo"?

Brena Braz: É a criptococose. É um fungo. Só que esse fungo não está no pombo. Esse fungo ele pode se desenvolver nas fezes do pombo, né, nas excretas do pombo. Então, assim, precisa de toda uma condição para esse fungo se desenvolver lá. Não é, assim: tem um cocô aqui dentro da minha casa, o *cryptococcus* vai se desenvolver lá. Não, fungo gosta de ambiente úmido, escuro. Sabe aquelas torres de igreja? E aí junta, sei lá, 200 pombos fazendo cocô lá? É lá que o *cryptococcus* pode se desenvolver. E também esse mesmo fungo, *cryptococcus*, ele pode se desenvolver nas excretas de galinha, né? Num galinheiro, por exemplo. De papagaio, de outra ave. Mas, assim, as pessoas ligam ao pombo, né? Que o pombo mesmo não tem nada com isso.

Paula Scarpin: No Instagram do Adota minha rola, a Brena deixou até uns stories fixados explicando essa história da criptococose. Na maior parte das vezes no melhor estilo "grossa é minha rola".

Brena Braz [Instagram]: Se pombo transmite doença? Sim, todo animal pode transmitir doença. O ser humano transmite um monte de doença, né? A pandemia está aí pra mostrar isso pra gente, né? Então é mais fácil a gente pegar uma doença de um outro ser humano do que de uma ave. E não é somente olhando para um pombo, pegando um pombo, dando beijo num pombo que você vai pegar qualquer doença. "Ai, pombos são ratos com asa", né? Esse pessoal deve tomar chá de cogumelo para ver rato com asa.

Paula Scarpin: Mas boa parte das postagens é de relatos de resgates.

Brena Braz [Instagram]: Queria contar um pouquinho da história desse neném aqui para vocês, gente. Era um sábado, eu estava com meu namorado de carro e aí a gente viu os pombos no meio da rua e eu falei: "Para o carro aqui que eu vou lá colocar milho para aqueles pombos". Tinha vários. Aí eu cheguei lá, os pombos não estavam mais lá e estava só esse pombo, com uma asa meio caída e andando completamente letárgico, completamente igual um zumbi. Eu olhei e falei: "Desver, desver. Eu não tenho mais onde enfiar pombo. Não posso pegar. Desver, desver". O lugar onde ele estava era tipo um

canteiro no meio da rua, sabe? E ele... esse bicho sem voar, que a asa tava com uma fratura. O pé, o dedo de trás estava virado pra frente. Ele estava pisando em cima desse dedo porque tinha sido embolado com linhas, com cabelo, aliás, ele estava todo embolado. Tanto que os dedos estão cortados por esse cabelo que garrotearam ali o pé. Então o dedo de trás, ele tava virado pra frente, ele pisando em cima desse dedo... E aí gente, o que eu queria comentar aqui é o seguinte: puta que pariu, puta que pariu. Como que um bicho, gente, um neném, um neném! Ele acabou de chegar no mundo, na vida, e a vida dele tava bosta daquele jeito, sabe? Acho que foi isso que mexeu mais comigo. Ver que era um neném, um bicho inocente. Gente, o neném que esse bicho fez pro mundo pra merecer isso? A vida desses bichos, gente, é 'sofrido' demais. Eles passam dor, eles embolam o cabelo, eles ficam sem ter o que comer. Agora vocês imaginam um neném, um neném passando por isso tudo. Então, se você que está me assistindo, eu espero que eu tenha conseguido sensibilizar você com relação aos pombos, para você ver os pombos com outros olhos. Aí gente, esses bichos sofrem tanto na rua...

Paula Scarpin: Não sei vocês, mas eu fico impactada com esses pombos tudo estrupiado também. Porque é isso que a Brena falou: eles são animais domésticos, que nem gato, que nem cachorro. Mais que gato, até, porque parece que gato a gente nunca conseguiu domesticar, né? Mas pombo, sim. Eles estavam ali até agora há pouco prestando um super serviço. Com todo esse potencial atlético. Em que momento ficou 'ok' ter nojo, ignorar o sofrimento desses bichos?

Brena Braz [Instagram]: Este é 'Sapatex'. 'Sapatex', gente, foi encontrado num bar. E logo percebi que tinha alguma coisa errada com ele, né? Uma ave que não é uma ave de hábitos noturnos procurando comida dez horas da noite. Falei: "Esse bicho não está enxergando". Depois eu percebi que ele não estava era voando. Aí, né, neném, mamãe imobilizou a essa asinha, ele virou um menino super voador, virou macho 'heterotop'. Só que ele quando chegou aqui em casa, quando eu o resgatei ele era um neném. E aí, por isso, eu tô com dó de colocar ele de volta na rua. Porque ele não sabe nada da

rua, não sabe fugir de carro e tenho medo que esse menino vai se dar mal na rua.

Paula Scarpin: Tem alguns que você solta depois de volta?

Brena Braz: Tem, tem. Na verdade, assim, antigamente era a maioria. Eles ficavam bons e iam ser soltos. Hoje em dia eu estou ficando meio chata. Tem dois aqui em casa que eles podem ser soltos, mas eles estão aqui. Aí você vê o bicho ali, tomando banho na água limpinha, bebendo aguinha limpinha... Na rua, ele nunca vai beber uma água limpa assim, sabe? Na rua eles encontram água com resto de radiador de carro, sabe? Assim você vê as condições que eles têm na rua. São péssimas, péssimas. Assim, a água que eles têm para beber, eles comem resto de lixo, né? Então aí eu fico vendo eles todo bonitinho aqui, eu vou ficando com dó de soltar. Aí eu falo: "Não, vou colocar para adoção".

Brena Braz [Instagram]: Então, se você quer adotar um menino fofo, a hora é agora. Fofo, não. Usei o adjetivo errado. Um meio doido. A hora é agora.

Paula Scarpin: Qual perfil das pessoas que te procuram para adotar?

Brena Braz: Ah, gente mais doida.

Paula Scarpin: Doida como?

Brena Braz: Você vê, você olha o perfil da pessoa, "Ah, estou querendo adotar um pombo". Você olha, você vê que a pessoa tem muita cara de normal, não vai dar certo essa adoção. Então, você olha, você vê que a pessoa já tem uns cabelo atrapalhado, sabe? Você olha pela cara da pessoa, você fala assim: "Ah, essa aqui vai dar certinho".

Paula Scarpin: A Brena, talvez você tenha percebido pelo sotaque, é mineira, mora em Belo Horizonte. Se o "meio doido" do adotante for de BH, ou ali nas redondezas, ela leva o pombo pessoalmente. Mas ela manda também, de avião, para qualquer lugar que tenha voo direto de BH. Ela despacha no terminal de cargas – que, pelo

que ela me explicou, tem todo um esquema de transporte de "cargas vivas" – que é mais focado em animais para abate, para restaurante, tal, ou para comércio de cachorro de raça, por exemplo. Eu fico só imaginando o pessoal do terminal de cargas vendo a Brena chegar com uns pombos de rua numas gaiolas.

Brena Braz: Só, gente que– os adotantes eu vou querer saber se tem tela na sua casa... "Ah, mas eu vou criar solto". Não, não é pra criar solto, né? Porque o Instagram chama "Adota minha rola". Se fosse pra soltar o bicho, seria: "Solta minha rola", né? Se fosse pra soltar eu mesmo soltava ele aqui, então não é pra criar solto, "ai eu vou deixar ele solto, se ele quiser voltar", ele não vai voltar. Esse bicho foi encontrado em um lugar específico, ele vai tentar voltar para lá. Enfim, é pra você que está querendo ter uma ave na sua casa.

Paula Scarpin: Não pode criar solto porque ele vai tentar voltar para aquele lugar. No caso, para aquela praça em BH. Para aquele canteiro central onde ele estava sendo maltratado. E não importa se você está dando uma ração fresquinha para ele. É mais forte que ele, ele volta para o lugar onde ele se criou. Os cientistas tentam entender há muito tempo como diabos eles fazem isso. Tem muitas hipóteses: o cheiro, o magnetismo da terra, a referência do sol... Só que nenhuma dessas hipóteses para de pé sozinha. E o mais provável é que eles se localizem por uma mistura de todas essas habilidades. Habilidades que foram sendo aprimoradas por melhoramento genético, por *centenas de milhares de anos* de domesticação. Tem menos de um século que a gente se acostumou a pensar que o lugar dos pombos é na rua. Mas a Brena está desafiando isso. Ela tá trazendo o anti-herói das ruas de volta pra casa.

Branca Vianna: Essa foi a Paula Scarpin.

No último ato desse episódio especial rueiro, a gente vai andar por uma rua onde João do Rio certamente não flanou – e ouvir uma história que pouca gente conhece. Nossa guia vai ser a Natália Silva.

ATO 4: O nome da rua

Natália Silva: Em Volta Redonda, interior do Rio de Janeiro, tem um bairro

chamado Bom Jesus. As ruas têm nomes de lugares que ficam muito longe dali. Goa, na Índia. Macau, na China. Guiné, no continente africano. E aí, entre as ruas Angola e Algarves... tá ela. Uma rua estreita, que já começa íngreme, onde as casas e a calçada precisam brigar por espaço. Quem tem perna ou carro para subir até o fim, consegue ver longe de lá de cima. E essa rua se chama Priscilla Fulgoni.

Ricardo Fulgoni: Minha irmã. Priscilla, Priscilla Fulgoni, Priscilla Silva Fulgoni.

Natália Silva: Foi ele, o Ricardo Fulgoni, quem deu o nome da rua.

Ricardo Fulgoni: A rua lá no alto do morro no bairro do Bom Jesus no complexo da Vila Brasília, a rua onde nós fomos nascidos e criados, a rua onde a minha avó morou desde sempre e a rua onde a minha irmã me levava para a vizinhança, onde ela era amiga de todos os vizinhos...

Natália Silva: A Priscilla é a única irmã do Ricardo. Irmã caçula. Quando ela nasceu, ele estava para fazer três anos, e ele diz que a primeira vez que ele se deu por gente...

Ricardo Fulgoni: A primeira lembrança que eu tenho na minha vida...

Natália Silva: Foi justo quando ela chegou.

Ricardo Fulgoni: Talvez por ser algo muito forte, o nascimento de uma irmã, a chegada de um bebê.

Natália Silva: E dali em diante, a vida virou outra. Foi só depois que a Priscilla já estava ali que o Ricardo entendeu o quanto ele precisava dela.

Ricardo Fulgoni: Hoje eu sei o significado disso, né? Eu fui diagnosticado com autismo já na vida adulta, depois dos 30 anos. Eu era uma criança que não conseguia me conectar com o mundo.

Natália Silva: A relação dele e da mãe era super difícil, porque ela não conseguia entender – e não tentava entender – o motivo de o Ricardo ser como ele era. Na

verdade, não era só a relação dos dois que era ruim, mas a vida familiar como um todo.

Ricardo Fulgoni: Quando tudo parecia desabar, e tudo parecia desabar com muita frequência. De gritos e xingamentos da minha mãe com a minha avó, de violência doméstica do meu avô batendo na minha avó, eu ficava quietinho encolhido debaixo das cobertas, eu falava "vamos fazer uma cabaninha". E quem estava lá segurando a minha mão era a minha irmã.

Natália Silva: Foi de mãos dadas com ela que ele conseguiu sobreviver a esse inferno particular.

Ricardo Fulgoni: A minha irmã era minha válvula de escape. Ela me ensinou tanta coisa... ela me ensinou, já adolescente, com 14, 15 anos, ela me ensinou a amarrar o cadarço. Eu não sabia amarrar o cadarço, era algo muito difícil pra mim amarrar o cadarço.

Natália Silva: Coisas que talvez ele devesse ter aprendido com os adultos, foi ela quem teve a paciência de explicar para ele. A Priscilla fez muita coisa pelo Ricardo. Se você conhece um pouco de nome de rua, sabe que rua nenhuma no Brasil pode ganhar o nome de alguém que está vivo. A Priscilla não está. Vamos do começo. Era um fim de tarde de março de 2006. O Ricardo tinha saído do trabalho e ido até a casa da bisavó dele para jantar antes de ir para a faculdade. Ele tinha acabado de começar a estudar direito.

Ricardo Fulgoni: Quando de repente entra o meu tio-avô esbaforido na sala e fala assim: "Vamos lá que o Claudinho machucou muito a Priscilla."

Natália Silva: Claudinho é um nome falso. Ele era o namorado da Priscilla... o primeiro namorado.

Ricardo Fulgoni: E depois de algum tempo, ele começou a ter uns episódios de ciúmes. E eles chegavam a... terminou, deu um tempo, uma coisa assim.

Natália Silva: Nada que chamasse a atenção de ninguém. Então o Ricardo não conseguia entender como é que o Claudinho tinha machucado a irmã dele.

Inclusive, quem apresentou os dois foi ele. Ele era *amigo* do Claudinho. O Ricardo ficou meio anestesiado, e quando ele voltou a si e saiu na varanda da casa atrás do tio-avô e dos outros parentes que estavam ali, ele viu que a rua estava cheia de gente.

Ricardo Fulgoni: Eu desci e aí eu vi uma tia, uma irmã – irmã da minha mãe, que morava perto, e falei "Tia, que que aconteceu?". Ela: "O que a gente ficou sabendo foi que ele a matou".

Natália Silva: Nessa época, a Priscilla tinha ido morar com o pai deles, em Barra Mansa, do lado de Volta Redonda. Ela tinha dito para o pai que queria viver com ele pra poder estudar numa escola melhor e ser igual o Ricardo... que tinha um emprego concursado e estava fazendo faculdade. Não era só a Priscilla que era um modelo para o Ricardo. Ele também era para ela.

Ricardo Fulgoni: Só que não deu tempo. Durou um mês a nova escola dela... quando aconteceu esse episódio.

Natália Silva: A Priscilla terminou com Claudinho, talvez cansada do ciúmes, ou não sei... pensando que ela queria focar nos estudos. Mas... como a gente diz nessas histórias trágicas... "ele não aceitou". Como se um término fosse uma coisa que se aceita ou não.

Ricardo Fulgoni: E foi até a casa do meu pai. Estava a esposa do meu pai e minha irmã. Ele chamou no portão, a esposa do meu pai falou "Não, não vai, você já terminou com ele, não tem que ir". "Não, eu vou só porque eu quero conversar com ele e terminar com isso de vez." E é isso... E ele tava com uma faca e ele a matou com 6 facadas na porta da casa do meu pai. Eu, naquele momento que eu tive a notícia, eu... as pernas bambearam, eu não sabia o que fazer.

Natália Silva: A irmã dele, de 16 anos, tinha acabado de ser morta por uma pessoa que ele conhecia. Que ele achava que podia confiar.

Ricardo Fulgoni: Eu não tive coragem de ir no velório da minha irmã. Eu não tive coragem. E a casa onde eu morava, onde nós crescemos né, ela dá de

frente para o cemitério. A nossa casa é no morro, o cemitério é no morro em frente, do outro lado, tem um vale entre os dois morros, né? E ali, da varanda da minha casa, eu sozinho, absolutamente sozinho, num silêncio, eu fiquei vendo a minha irmã ir embora, subindo o carro com o cortejo no cemitério. E foi assim que eu me despedi dela, eu não, eu não quis vê-la, eu só queria resolver.

Natália Silva: Além da tristeza, o Ricardo sentiu que ele tinha que dar um jeito naquela situação. Que era responsabilidade dele fazer justiça pela irmã.

Ricardo Fulgoni: Eu cerrei os punhos e falei: "eu preciso resolver isso". Eu não sei se eu tinha uma ilusão de que eu, resolvendo alguma coisa eu ia trazer a minha irmã de volta, eu ia... não sei.

Natália Silva: Não faltou gente ali no bairro se oferecendo para botar um fim na vida do Claudinho. Mais de uma pessoa veio procurar o Ricardo perguntando onde é que ele estava. Mas o Ricardo não sabia. E mesmo que ele soubesse, ele não ia falar. Ele queria justiça com J maiúsculo. Só o que estava na lei. O problema é que, para cumprir a lei... o Claudinho ia ter que ser encontrado. E é aqui que começa um vai-e-vem quase inacreditável.

Ricardo Fulgoni: E aí, no dia seguinte, nós recebemos lá em casa o primeiro telefonema dele. O Claudinho ligando lá para a casa. E basicamente ele estava desnortado, querendo saber se ela estava bem, se ela não estava, o que tinha acontecido... Ele não ficou pra ver se ela tinha morrido ou não, ele saiu correndo.

Natália Silva: No dia seguinte, ele ligou de novo.

Ricardo Fulgoni: Ele começou a ligar todos os dias. E pra não perder a confiança dele, eu comecei a adular ele. Falar: "Olha, eu estou fazendo direito, eu vou arrumar advogado pra você, eu sei que você não fez por mal. Me fala onde você tá." Pra ele não perder a confiança. Pra ele não parar de ligar. Porque, até então, a gente não sabia onde que ele estava.

Natália Silva: Mas de algum lugar ele tava ligando. Se eles soubessem o número... dava pra achar. Só que a gente está falando de 2006.

Ricardo Fulgoni: Não é igual hoje que você liga para o celular, você sabe quem tá ligando, não. Identificador de chamadas era um aparelho que chamava "bina" que você colocava do lado do telefone para saber quem que estava ligando. Era um serviço pago à parte da companhia telefônica.

Natália Silva: O Ricardo ligou na companhia telefônica e disse que precisava de uma bina para ontem. Só que o prazo da instalação era 10 dias úteis. Ele até tentou explicar o que estava acontecendo...

Ricardo Fulgoni: Ah, a gente vai fazer o que pode, mas são dez dias. Eu falei: "não, eu preciso agilizar isso". Fui na delegacia.

Natália Silva: Lá ele ouviu que devia ter paciência, porque "as coisas estavam sendo feitas".

Ricardo Fulgoni: E aí eu estava começando a aprender direito... né, eu falei: "Bom, o caminho agora é o Ministério Público. Eu preciso ir no Ministério Público porque, cara, eu preciso de um pedaço de papel. Eu preciso de um ofício para a companhia telefônica instalar o raio do identificador de chamadas".

Natália Silva: E nesse empurra pra cá, empurra pra lá, os 10 dias úteis se passaram e a companhia foi instalar o identificador. E aí, o telefone tocou.

Ricardo Fulgoni: A gente tinha um número. DDD 32.

Natália Silva: Minas Gerais. Era lá que o Claudinho estava. Por uma dessas coincidências esquisitas da vida, o Claudinho esqueceu uma agenda dele com a Priscilla. E ali dentro, o Ricardo achou o número que tinha ligado para a casa deles. Era de um tio do Claudinho, que morava em Manhuaçu. O Ricardo ligou pra polícia e falou o que ele tinha descoberto.

Ricardo Fulgoni: A gente vai lá amanhã... eu falei "Está bom, eu aguardo amanhã". Desliguei o telefone e falei: "Arruma as malas que a gente tá indo pra Manhuaçu agora." Eu não vou esperar amanhã.

Natália Silva: Ele enfiou a mãe, os avós e um primo no carro e foi. E não é uma viagem curta, tá? São quase 7 horas de carro saindo de Volta Redonda.

Ricardo Fulgoni: Quando chegamos em Manhuaçu, fomos... procuramos a delegacia e contamos todo o caso. "Ó, tá aqui o mandado de prisão" – a gente tinha uma cópia do mandado de prisão – "Tá aqui o endereço. É só ir lá e prender." E os policiais ficaram chocados.

Natália Silva: Porque não era da boca de um outro policial que eles estavam ouvindo isso, mas do irmão da vítima, um moleque de 18 anos. Os policiais até estavam dispostos a ajudar...

Ricardo Fulgoni: "A gente só está com um problema, que a gente só tem uma viatura na cidade e ela deu defeito."

Natália Silva: Juro.

Ricardo Fulgoni: Eu falei com o meu primo, eu falei: "Olha só, vamos fazer o seguinte, vamos dar uma passada, ver se a gente acha esse endereço, ver se a gente adianta alguma coisa pra eles."

Natália Silva: Além de tudo o que eles já tinham adiantado, né? Tipo... o trabalho *todo*. Os dois foram até lá, com o primo no volante e o Ricardo escondido no banco de trás, para não correr o risco de ser reconhecido caso o Claudinho estivesse lá.

Ricardo Fulgoni: Ele simplesmente estava debruçado na varanda. Era uma casa de dois andares, assim, ele estava no segundo andar, debruçado na varanda. Eu falei: "Vamos voltar lá que tem que vir prender ele agora." Não dá pra esperar. Nós voltamos na delegacia. "Ah, mas a viatura não está pronta". Eu falei: "Vai no meu carro".

Natália Silva: E assim foi. Os policiais entraram no carro com o primo do Ricardo, foram até lá e trouxeram o Claudinho de volta para a delegacia.

Ricardo Fulgoni: E ele finalmente foi preso. Acho que se eu não tivesse cerrado os punhos naquele momento e falado: "Isso aqui precisa ser resolvido", não tinha acontecido nada. Porque o Estado não estava nem aí. Filha de gente pobre, o Estado não estava nem aí.

Natália Silva: Durante toda a nossa conversa, o Ricardo insistiu muito que tudo que ele queria era ver a lei sendo aplicada. Ele disse que tem devoção pelo texto constitucional e, apesar de tudo o que aconteceu, ele não virou um justiceiro, mas juiz. Hoje ele é juiz de direito no Paraná. Em 2007, um ano depois do assassinato da Priscilla, o Ricardo procurou uma vereadora de Volta Redonda – que tinha ficado sensibilizada pelo que aconteceu – para conversar sobre uma ideia que ele teve.

Ricardo Fulgoni: Eu quero fazer uma homenagem à minha irmã. Essa rua aqui se chama rua G.

Natália Silva: A rua onde os dois cresceram.

Ricardo Fulgoni: Não tem nem rua H, nem rua F. Não tem nem sentido dessa rua ter esse nome. Então vamos colocar o nome da minha irmã nessa rua”.

Natália Silva: E assim foi feito. Hoje em dia, o Ricardo não mora mais ali. Faz tempo que ele deixou Volta Redonda pra trás. Ele não se importa se, daqui uns anos, ninguém morando ali lembrar quem ele foi. O que ele não quer é que as pessoas esqueçam da irmã dele. De quem conectou ele com o mundo. Se não fosse por ela, e tudo que ela ensinou para ele, talvez ele nunca teria conseguido fazer o que ele fez por ela. Então é dela que ele quer que as pessoas lembrem.

E que foi ali que ela *viveu*.

Branca Vianna: Essa foi a Natália Silva.

Muito obrigada a todo mundo que foi assistir à gente ao vivo em Paraty, e também a você que escuta a gente aqui toda semana. Na página desse episódio no nosso site, tem um monte de fotos – das pedrinhas de Paraty, dos bueiros do Rio e do mundo todo, dos pombos da Brena, da família Fulgoni, e também fotos da nossa apresentação ao vivo na Flip. Além de um monte de referências para as histórias todas, e a transcrição, como sempre. Ali no site, você já sabe, dá para assinar nossa newsletter. E pra não perder nenhum evento ao vivo ou conteúdo extra, você pode seguir o canal da Rádio Novelo no WhatsApp e acompanhar a gente nas redes – @radionovelo no Instagram, no Threads, ou no Bluesky. Se você está gostando de ouvir o Apresenta, tem vários jeitos de você ajudar o podcast a crescer. Você pode seguir a gente no seu aplicativo de áudio preferido, deixar um comentário, deixar uma avaliação... e, sobretudo, compartilhar o podcast por aí. Para falar com a gente, é só marcar @radionovelo nas redes sociais ou mandar email para o apresenta@radionovelo.com.br.

O Rádio Novelo Apresenta é um original da Rádio Novelo.

Tem episódio novo toda quinta-feira.

A direção criativa é da Paula Scarpin e da Flora Thomson-DeVeaux.

A produção executiva é da Marcela Casaca, e a gerência de produto é da Juliana Jaeger.

A Natália Silva é editora executiva.

Nossos repórteres e roteiristas são o Vitor Hugo Brandalise, a Évelin Argenta, a Bia Guimarães, a Sarah Azoubel, a Carol Pires, a Bárbara Rubira, e a Carolina Moraes.

A Ashley Calvo é produtora.

A checagem deste episódio foi feita pela Luiza Silvestrini, pela Caroline Farah, e pelo Bruno Lima.

Tivemos apoio de montagem da Mariana Leão.

A mixagem é da Bia Guimarães e da Júlia Matos.

O desenvolvimento de produto e audiência é feito pela Bia Ribeiro.

O design das nossas peças é do Gustavo Nascimento.

A nossa analista administrativa e financeira é a Thainá Nogueira, a nossa coordenadora executiva é a Lara Martins, e a nossa estagiária é a Isabel de Santana.

Obrigada, e até a semana que vem.